

Vida de Lopes Graça no palco do D. Maria II

Maria João Caetano

Bernardo Mariano

16 Novembro 2006 — 00:00

João Mota recorda-se bem de, em miúdo, encontrar o Fernando Lopes Graça lá em Tomar, onde ambos moravam. "Eu tinha quatro anos e lembro-me de o ver no café do meu tio. Era o Graça." Nessa altura, ele já era um "compositor extraordinário" e João Mota continuou a acompanhar de longe a sua obra e a sua vida, um combate permanente pela liberdade, de escolher, de estudar, de criar. "Foi um exemplo de força e de coragem. Nunca se vergou, nem a um partido", recorda o encenador. A vida de Fernando Lopes Graça confunde-se com a história do século XX português. "São coisas que têm de ser contadas."

Foi por tudo isto que, no ano em que se assinala o centenário de nascimento de Lopes Graça (a 17 de Dezembro), a Comuna se propôs dramatizar a sua vida. O escritor António Torrado aceitou o desafio de escrever o texto e o actor Carlos Paulo foi a escolha óbvia para protagonista. "Era para ser uma coisa mais simples, feita só ao fim-de-semana, com o Canto Firme, coro amador de Tomar." A meio do projecto, surgiu a parceria com o Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa. Com mais meios, um elenco composto por 27 nomes, além das crianças, dos músicos e do coro Lisboa Cantat, é aí que hoje se estreia A Casa da Lenha. Para ver até ao final do ano.

"Felizmente o Lopes Graça deixou muitos testemunhos escritos, cartas, memórias", conta o autor. A pesquisa passou ainda pelas recordações de quem o conheceu de perto, como o maestro António Sousa, que foi seu colaborador e é um dos principais investigadores da obra do compositor. A casa da lenha do título situada na pensão do pai de Lopes Graça, local repleto de "teias de aranha e recantos tenebrosos" existiu mesmo, explica Torrado. Era o local onde Fernando se encontrava com os amigos, espaço de brincadeira e conspiração. Mas, como reconhecem António Torrado e João Mota, no palco a realidade é cosida com as linhas da ficção, pois só assim pode haver teatro.

Mas também com as linhas da música, da muita música que Lopes Graça escreveu. Em A Casa da Lenha, ela aparece diante dos nossos olhos, tocada ao vivo pelo pianista Nuno Barroso, a solo ou como acompanhador. Este, qual duplo do protagonista (vestem roupas semelhantes no corte e na cor) é presença contínua no palco, saindo só na última cena (na foto). Mas não só. Entrando ou saindo, desfilam ainda as cantoras Verena Wachter Barroso e Catarina Molder, bem como os violoncelos de Mafalda Nascimento e Edoardo Sbaffi. E, com uma importância advinda da centralidade que a resistência e o canto em conjunto têm na peça, 16 elementos do Coro de Câmara Lisboa Cantat exploram vários espaços da sala nas suas intervenções. E há ainda dois registos sonoros gravados, respectivamente do Canto de Amor e Morte e do Requiem.

António Sousa, director musical, quis uma música "pensada para um público de teatro", que aliasse "obras consagradas e paradigmáticas" a "primeiras audições absolutas". O facto de (com duas pequenas excepções) só se apresentar música de Lopes Graça, justifica-o por "representar no palco a unidade entre o homem e o artista".

Em A Casa da Lenha, recorda-se o quão difícil era arranjar partituras de música nova em Portugal, a aversão do "Graça" pelo fado e a sua defesa da adequação ao canto da prosódia do português. A aparição de Bartók conduz à canção tradicional campesina, manancial donde deriva grande parte da sua produção. Mas, entre a lenha dos que deram calor a Lopes Graça, não se esqueceram do padre Tomás Borba?...